



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REPETIÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO

Lorena Oliveira dos Santos^{621*}
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva^{**}
(UESB)

Valéria Viana Sousa^{***}
(UESB)

RESUMO

O presente artigo apresenta um recurso, frequentemente, encontrado na oralidade, a Repetição. Com base nos estudos feitos por Marcuschi (2006), abordaremos a importância desse fenômeno na construção textual-discursiva, categorizando-o e explicando alguns de seus aspectos funcionais com exemplos de elementos lexicais, sintagmáticos e oracionais retirados do *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista.

PALAVRAS-CHAVE: Repetição.Oralidade.Português popular.

INTRODUÇÃO

A repetição,segundo Marcuschi (2006, p.219),tem sido um dos recursos com maior recorrência de uso no discurso oral. Este fenômeno, além de ser responsável por contribuir com a organização do discurso, favorece“[...]a coesão e

* Discente do Curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista FAPESB. Membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: loreoliveira@live.com.

**Doutor em Letras (Linguística Histórica) pela UFBA. Professor titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: adavgvstvm@gmail.com.

***Doutora em Letras pela UFPB. Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL)/UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: valerianaviana@sousa@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas.” (MARCUSCHI, 2006, p. 219) e, assim, propicia e viabiliza o monitoramento da coerência textual.

Por essa diversidade de características, no presente trabalho, elegemos a repetição e suas variadas funções na construção do texto discursivo como objeto de estudo.

Com esse intuito, *a priori*, abordaremos as duas modalidades da língua, a falada e a escrita, porém priorizaremos a fala, dando uma maior atenção às suas características; *aposteriori*, apresentaremos o *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista para exemplificarmos a repetição e as suas funções; e, por fim, ancorados nos estudos feitos por Marcuschi (2006), trataremos da série de atuações referentes à repetição.

Deste modo, iremos demonstrar a presença recorrente e, sobretudo, a importância da repetição, seja no auxílio que ela fornece na comunicação entre os interlocutores, seja na formulação do texto discursivo.

Uma abordagem do texto falado implica, também, uma abordagem do texto escrito. Para tratarmos dessas modalidades da língua, elegemos uma metáfora de Halliday (1985, p. 74, apud KOCH, 2006, p. 46) na qual há uma relação da escrita com um quadro e da fala com um filme. Segundo este teórico, o leitor visualiza o texto escrito de modo sinóptico, ou seja, ele enxerga o texto representado em uma página. Portanto, é como se o texto fosse um quadro. Em contrapartida, para o ouvinte, o texto falado acontece de modo dinâmico, coreográfico. Logo, é como se por trás dele (do texto falado) existisse um filme.

Como afirma Koch (2006, p. 40), “todo texto é o resultado de uma co-produção entre interlocutores” e, segundo a linguista, o principal contraste entre a fala e a escrita é como essa co-produção é realizada. Na escrita, a co-produção está resignada à consideração do leitor, sem a existência de uma comunicação direta e ativa na feitura do texto; ao passo que, na fala, há a presença dos interlocutores,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

garantindo um diálogo ativo e direto que ajuda na co-autoria do texto e que acarreta em sua materialidade linguística.

Essas modalidades da língua, a rigor, são expostas, seguindo uma orientação maniqueísta, em polos distintos. Neves (2009), contudo, observa que, na verdade, elas implicam-se mutuamente e, para provar essa tese, a linguista recorda Coseriu (1988, apud NEVES, 2009, p. 25):

(i) ambas as modalidades implicam a capacidade de falar; (ii) ambas implicam o conhecimento de uma língua particular historicamente inserida, ou seja, têm como correlato um sistema único; (iii) ambas implicam a existência de uma atividade de interação.

Partimos, então, da proposição de que a língua falada e a língua escrita têm características próprias, ou, em outras palavras, constituem gramáticas diferenciadas, ainda que, por vezes, (com) partilhem algumas propriedades em comum. Neste aspecto, concordamos com Neves (2009) e Koch (2006) quando estas defendem que as modalidades da língua não precisam ser vistas como uma proposta dicotômica, tendo em vista que são, apenas, singulares em suas especificidades e, ao invés de se encontrarem em polos opostos, estão dispostas em um *continuum*.

A oralidade tem um caráter pragmático, fazendo com que haja uma cooperação imediata entre os interlocutores, quer seja através da utilização dos recursos linguísticos (correções, hesitações, inserções, repetições e paráfrases), quer seja através da utilização dos recursos paralinguísticos (gestos, expressões fisionômicas, olhares a fim de contribuir e/ou facilitar a interação entre os falantes.

Um desses recursos configura o nosso objeto de estudo no presente trabalho: a repetição e, mais especificamente, a repetição no discurso oral.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para realizarmos este trabalho, observaremos o fenômeno da repetição na língua falada e, para isso, utilizaremos o *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista (cidade situada no interior da Bahia).

A caracterização do português do Brasil parte do princípio de que falta aos seus falantes a condição do letramento ou de que possuem apenas o pouco letramento a que foram submetidos. Deste modo, o *corpus*, ora analisado, está pautado na escolha daquela parcela da população em que o letramento não tenha ocorrido (falantes com zero ano de escolarização) ou tenha sido precário ou ainda pouco aplicado (de 1 a 4 anos de escolarização). Além disso, os informantes têm como características serem nascidos e/ou residentes e domiciliados no município. Esses informantes foram estratificados em três faixas, a partir do cruzamento das variáveis faixas etárias e gênero/sexo. Conforme a tabela abaixo:

Faixa I: homens e mulheres	Entre 20 e 40 anos
Faixa II: homens e mulheres	Entre 41 e 60 anos
Faixa III: homens e mulheres	Acima de 61 anos

A repetição, conforme citado anteriormente, é um recurso linguístico que está presente tanto na modalidade da fala, quanto na modalidade da escrita.

Mas, sem dúvida, é, no discurso oral, que há a maior ocorrência de repetição, pois nesta modalidade de linguagem não há oportunidades de editoração e apagamentos, como no texto escrito. No texto escrito, a repetição surge como uma marca específica e intencional, mantida como uma forma de atingir ao propósito desejado. Na oralidade, por sua vez, em uma interação face a face, a repetição expõe propriedades de um planejamento linguístico *on-line*, que, relativamente, não foram planejadas.

São diversas as funções da repetição na fala que desde as que auxiliam na “organização discursiva e a monitoração da coerência textual; [até as que,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

efetivamente, favorecem] a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; [dão] continuidade à organização tópica e [contribuem] nas atividades interativas.” (MARCUSCHI, 2006, p. 219)

No entanto, é importante frisarmos que repetir não se limita somente à reprodução de um mesmo elemento linguístico que foi dito anteriormente. Além desse recurso de mera repetição, é perceptível que o mecanismo de repetição, também acontece através dos chamados marcadores discursivos, como, por exemplo: repetindo, como já disse, quer dizer, em suma etc. A utilização desses marcadores nos dão pistas de que haverá uma repetição de conteúdo, porém isso não significa que irá ser exposto, simplesmente, o mesmo assunto, tendo em vista que podemos repetir um mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes e, a cada vez repetição, esse fragmento poderá apresentar um novo conteúdo.

I: o mais velho tem trinta anos + o **outro** tem vinte e oito + a **outra** menina tem vinte e sete + e tem mais de **outro** + de **outro** cara, entendeu? só que o cara também morreu e eu tô com meus filho0 (E.S.B)

No fragmento acima, há a repetição por 3 (três) vezes do item linguístico **outro** e, na maioria das vezes, que o informante o repete, ele apresenta um novo conteúdo, além de ocorrer uma flexão de desinência de gênero com esse item, que se apresenta na forma **outra**.

Em um evento comunicativo, de acordo com Marcuschi (2006), chama-se de **matriz** (M) a primeira produção de um elemento linguístico que, depois, vem a ser repetido no texto, ou seja, a base para a produção de outro segmento linguístico, semelhante (quando o segmento é repetido tendo variação) ou idêntico (quando o segmento é repetido não tendo variação), ser repetido. Essa produção é chamada de **repetição** (R). As repetições, quanto à posição, podem estar próximas da M e,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

quando estão, são, segundo esse estudioso, nomeadas de adjacentes ou podem ainda estar distantes da M, sendo produzidos muitos tópicos posteriormente.

Um segmento linguístico pode, ainda, ser dividido em auto-repetição e heterorrepetição. A primeira ocorre quando o próprio falante reproduz a R no seu discurso e a segunda ocorre quando o locutor repete algo dito pelo interlocutor.

As repetições podem manifestar-se de diversas formas e são multifuncionais. De acordo com Marcuschi (2006, p. 224), tendo como ponto de vista o segmento repetido, possuímos:

- repetições fonológicas (aliteração, alongamento, entonação etc.);
- repetições de morfemas (prefixos, sufixos etc.);
- repetições de itens lexicais (geralmente N e V);
- repetições de construções subordinadas (SN, SV, SPrep, SAdj, SAdv);
- repetições de orações.

Neste trabalho, iremos ressaltar apenas as repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais. Nos próximos tópicos, veremos algumas destas manifestações dentro das funções que a repetição desempenha no discurso oral.

Antes de começarmos a tratar dos aspectos funcionais da repetição no discurso oral, abordaremos, sucintamente, o redobramento por repetição com base nos estudos de Castilho (2013).

Este funcionalista argumenta que, desde a leitura dos primeiros textos medievais portugueses, já poderíamos observar estruturas redobradas, elas aparecem quando “uma dada classe x ocorre juntamente com uma classe y, de tal sorte que, ocorrendo x, obrigatoriamente concorrerá y” (CASTILHO, 2013, p. 34). Em suma, o redobramento significa representações diferentes de um mesmo fenômeno.

O redobramento, segundo Castilho (2013), pode se manifestar de diversas formas, entretanto, o redobramento que nos interessa é o redobramento por



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

repetição que se revela na língua falada. Esse redobramento pode ser compreendido pela fórmula $x=y$, ou seja, ocorre através da repetição das mesmas classes. Abrimos esses parênteses, no presente artigo, por percebemos que o redobramento por repetição assemelha-se e dialoga com o estudo que estamos realizando sobre a repetição.

Ainda com base nos estudos feitos por Marcuschi (2006), a seguir, apresentaremos alguns aspectos funcionais da repetição explicando-os e categorizando-os, além de, exemplificá-los com trechos do *corpus* do Português Popular da Comunidade de Vitória da Conquista.

Como dissemos anteriormente, a repetição tem funções que nos auxiliam no discurso oral, para uma melhor comunicação entre os interlocutores. Entre os papéis que a repetição desempenha, temos como base para uma produção textual-discursiva a **coesividade**, sendo que os outros papéis, que iremos abordar, são a compreensão, a continuidade tópica e a argumentatividade.

“A coesão é um dos princípios básicos na composição textual discursiva relativa ao encadeamento intra e interfrástico no plano da contextualidade e pode ser vista em duas perspectivas: a coesão sequencial e referencial” (KOCH, 1989. apud MARCUSCHI, 2006, p.233). Entre essas perspectivas, a repetição aproveita-se mais da coesão sequencial, mas, também, utiliza-se muito da coesão referencial.

Através das repetições, existem alguns meios da coesão sequencial que são a listagem, os amálgamas sintáticos e os enquadramentos sintático-discursivos.

As listas têm formas variadas, que podem ser identificadas como **paralelismos sintáticos**, que, na maioria das vezes, são variações lexicais e morfológicas e manutenção de uma estrutura nuclear. As listas, também, contribuem na interação (imediate) entre os interlocutores, proporcionando uma fruição agradável na comunicação, e, além disso, elas compõem uma estratégia comum para a conexão interfrástica.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Apesar de as listas disporem de uma M, ou seja, um suporte que fará os preenchimentos dos vazios que posteriormente serão gerados, elas não podem ser vistas, simplesmente, como uma elipse pelo fato de, às vezes, repetirem apenas parte de uma frase. Porém, para compreender o enunciado de uma lista, é preciso presumir o padrão sintático anterior. Logo, a listagem é uma ação de rematização e não de tematização, com o objetivo de ser um meio econômico de expor e dar suporte ao tópico. Vejamos um exemplo de listagem:

(2)

I: ...**assisto filme de ação**
{ ∅ } **violência assim**
{ ∅ } **terror**
{ ∅ } **comédia (L.B. R)**

São outros recursos sequenciais da coesão que trabalham na produção textual em um jogo de construção-reconstrução, aproveitando-se de segmentos anteriores para repeti-los e, assim, formar uma estrutura completa. Amálgamas sintáticas são, também, um procedimento de heterorrepetições, em que o locutor utiliza-se de estruturas do interlocutor constituindo um texto discursivo altamente colaborativo. Exemplo:

(3)

I: **ele manda dinheiro pra mim** +a mesada
E: **mas ele não fala de vir aqui::** nem nada?
I: **não+** é que ele trabalha de negócio fazendo negócio lá...
I: ele manda nas coisas lá + ele nem precisavamas só que ele fica mandando tudo lá + aí **ele pode vim não... a elevai mandar o dinheiro pra mim** ir ficar mais ele lá...(L.B.R)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Nesse fragmento, podemos observar que além de o informante (locutor) retomar elementos anteriormente ditos por ele, também retoma elementos dito pelo entrevistador (interlocutor), que é o caso da heterorrepetição.

Trata-se de uma estratégia que visa marcar a completude do procedimento discursivo e da contribuição informativa. Essa estratégia ocorre quando um elemento está no início e no final do turno, ou no início e no final de uma unidade discursiva. Vejamos:

(4)

I: **eu vou com os meus amigos** + sempre que vou numa festa+ **eu vou mas é com os amigos**(L.B.R)

Diante deste aspecto funcional da repetição, a coesividade, podemos observar que ele possui peculiaridades que condizem com as propriedades da fala, aparecendo poucas vezes na escrita da forma que aqui foi apresentado. Além disso, esse aspecto tem grande importância no desenvolvimento e encadeamento do discurso oral.

É uma função da repetição de suma importância, pois gera um melhor entendimento na interação direta e ativa entre os interlocutores. Vale ressaltar que “é provável que um excesso de [...] [repetições] facilitadoras de compreensão propicie um ralentamentoinformacional, mas isso não constitui uma formulação disfluyente, pois tem por função facilitar a compreensão do interlocutor” (KOCH e SILVA 1996,p.386, apud MARCUSCHI, 2006, p.239)

(5)

I: foi com **oito meses**+ **oito meses** + aí + aí eu ganhei ele sabe? trabalhei também na micareta + com **oito meses** ganhei ele e com quinze minutos ele faleceu (E.S.B)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Existem algumas subfunções da compreensão que iremos tratar a seguir, sendo elas: **a intensificação, a transformação de rema em tema e o esclarecimento.**

Todas as repetições que dão dicas para expor o que se quer dizer, mas sem que o sentido do conteúdo seja mostrado de forma explícita, facilitam na compreensão. Partindo desse pressuposto, explanaremos a intensificação. Ela é uma estratégia que acata a um princípio de iconicidade, no qual um conjunto de linguagem idêntica, em posição idêntica, adequa-se a um volume informacional. Este princípio de intensificação dialoga com os estudos sobre repetição de Lapa (1998). O linguista aborda que, geralmente, os advérbios são substituídos “por locuções e processos de forte poder expressivo.” Um desses processos é a repetição, mais especificamente, a repetição de nomes e verbos que dá um efeito intenso e superlativante.

(6)

I: só que **eu gosto muito da Bahia + gostei muito e gosto da Bahia + falei não+ vou pra Bahia + aí eu tô aqui até hoje+ e eu adoro a Bahia**(E.S.B)

Esta estratégia acontece quando uma reunião de repetições tem como objetivo transformar em tema do enunciado seguinte o rema do enunciado antecedente, pela ostentação atribuída ao elemento repetido. O tema inicial do fragmento abaixo era a Bahia, no entanto, após uma repetição do entrevistador, o tema passa a ser a morte de um filho.

(7)

I: você entendeu? meus filho0 tudo é baiano + eu tenho dez filho0 + **um morreu** + eu tenho nove vivo0

E: **por que morreu?**

I: não + **morreu porque passou de hora** + entendeu? aí eu ganhei ele + **com quinze minuto0 ele morreu** + aí eu tenho nove.
(E.S.B)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

É o caso de repetições que expõem as informações com propagações consecutivas, seja pela repetição com variação ou com paráfrases.

(8)

I: **minha infância é::minha infância é::** {init} não sei explicar porque + é **infância vocês fala0 é::do que é que agente viveu é** porque:: assim né? (E.J.R)

O informante sem ter clareza do que falar sobre o assunto, a infância, usa uma paráfrase (**do que a gente viveu**) para tentar explicar o entende sobre o assunto.

Existem as funções textual-interativas da repetição que são utilizadas para introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos. E, essas funções serão apresentadas a seguir:

A repetição de um elemento linguístico ou uma expressão é uma maneira de demarcar a introdução no tópico discursivo que será reproduzido sequentemente. No exemplo abaixo, o informante inicia o tópico discursivo e, após uma pergunta do entrevistador, ele inicia novamente com o tópico dito anteriormente:

(9)

I: {init} + **a caipora enganou ele**
E: <conte essa história + como foi?>
I: **que a caipora enganou e::le** + que ele faltou o fumo + que ele faltou o alho + que engana mesmo (E.S.B)

Neste caso, a repetição ocorre para reintroduzir tópico após parênteses ou na inclusão de um tópico discursivo no interior de outro que estava sendo desenvolvido. Analisemos o seguinte trecho em que o informante inicia falando sobre alguém que sumiu e, depois de entrar em outro assunto, ele reintroduz o tópico inicial:

(10)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

I: ...**agora só que ele sumia** + era uma0 duas semana0 dentro do mato + aí o que ele levava + ele levava alho + ele levava fu::mo e água + **e aí sumia** + quando ele chegava + ele chegava com preá + ele chegava com tatu + ele chegava com paca

E: paca? {init}

I: que é uma delícia + e capivara...

I: **mas sumia + uma vez ele ficou oito dia0 sumido no mato**(E.S.B)

Quando o tópico finaliza com a repetição de estruturas que o introduziram, a repetição funciona como delimitadora de um segmento tópico, restringindo-o e pontuando-o na linha do discurso. Exemplo:

(11)

E: ...**e sempre morou aqui pela Vila Serra::na?**

I: sempre + morei no Senhori::nha + morei no Alto Maro::n + /ah + Senhorinha é pertinho/ mas mas o lugar que eu mais assim tem muito tempo que eu moro aqui mais assim + **é aqui na Vila Serrana + que tem dezoito anos** (E.S.P)

Neste caso, o constante aparecimento de um item lexical, pode nos mostrar o tópico que está sendo o foco. Quando a reiteração desse mesmo item lexical vem posicionado como tópico sentencial (sujeito da oração), ele é um modo de condução e manutenção do tópico no discurso. No trecho selecionado, os interlocutores falam sobre a infância do informante:

(12)

E: como foi **a infância da senhora?**

I: a **minha infância foi boa** + né? **minha infância eu brinquei muito** + né? a gente brincava de ro::da naquele tempo existia isso + né? ro::da + não existia perigo + a gente brincar na rua+ aí + eu e minhas irmãs os vizinhos +a gente ficava até tarde brincando na rua que não tinha energia também na época + né? era na época do candeeiro (risos) era muito bom a gente brincava até tarde de ro::da + de macaquinho foi **uma infância muito boa**+ graças a Deus (M. J.P.S)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As repetições, principalmente através de estruturas oracionais, exercem um papel de suma importância na condução da argumentação, pois elas proporcionam **a reafirmação, o contraste e a contestação de argumentos.**

No seguinte fragmento, ocorre uma auto-repetição e o informante reafirma o argumento, três vezes, que **o pessoal não liga muito pra cabelo** com o propósito de argumentar que a preocupação do público era mais com outra parte do corpo, ainda que houvesse necessidade e motivos para o referido cuidado com o cabelo.

(13)

I: ...que **geralmente cabelo o pessoal não liga muito pra o cabelo não** + ainda mais aqui + que um dia + um dia é quente um dia é frio né? então **povo não liga muito pra cabelo**+ em época de festa mesmo o povo que faz cabelo aqui é quase não faz + aqui tem muito [sho] + aqui tem muito show né? muita festa aqui em Conquista **mas a pessoa quase não cuida mais de cabelo** cuida mais é de unha (E.S.P)

Quando falamos de repetições com função de contraste, não significa que sempre vão aparecer negações em termos proposicionais, já que podemos observar a negação através da mudança de entoação. “É só transformar uma asserção em indagação que já está contrastando numa espécie de efeito surpresa.” (NORRICK, 1987, p. 252, apud MARCUSCHI, 2006, p. 247). Vale destacar que as repetições sozinhas não determinam o contraste ou constroem o argumento, às vezes, é necessário mais que isso. No exemplo abaixo, o entrevistador, através da afirmação do informante, faz uma indagação com um efeito surpresa:

(14)

I: ...eu gosto só de:: macarrão + eu gosto de galinha + gosto de arroz + **só não gosto de feijão + feijão não gosto não.**
E: **não gosta de feijão?**(L.B.R)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Neste recurso, as repetições de estruturas oracionais com função de contestação têm como principal característica a sua relação interativa com as faces dos interlocutores, porque eles não têm a preocupação de ocultar a face negativa, demonstrando menos traços de polidez. No fragmento abaixo, o informante, em uma auto-repetição, dá a sua opinião dizendo não gosta de gato:

(15)

E: ah::ta:: + entendi + você só tem um {Ø} ou tem mais?

I: eu tenho um {Ø} só + **só minha mãe que tem um gato aqueles gato0vei fofo +eu não gosto de gato não**(L.B.R)

CONCLUSÕES

Ao analisarmos, detalhadamente, cada estratégia, concluímos que a repetição é utilizada para melhorar a compreensão e a interação direta e ativa entre os interlocutores e, assim, reafirmamos o que Marcuschi (2006) argumenta de que este recurso da língua falada é de grande valia.

A partir, dos elementos lexicais, sintagmáticos e oracionais que focalizamos, podemos observar como cada um destes itens, quando repetidos, fazem-se necessários e, por vezes, imprescindíveis no processamento textual-discursivo e na comunicação entre os interlocutores, ou seja, na coesividade, na compreensão, na continuidade tópica e na argumentatividade.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Célia Moraes. Gramaticalização, redobramento sintático e minioração. In: ____. **Fundamentos sintáticos do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 34.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- FIORIN, Rosália P. Repetição: uma estratégia de construção vivaz na oralidade. In: **Revista Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística**. Ano I, n 2.
- LAPA, M. Rodrigues. Repetição intensiva. In: _____. **Estilística da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.130-131
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 39 – 46.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.
- NEVES, Maria Helena Moura. Fala e escrita: a mesma gramática? In: D. Preti (org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2009, p.19-40.
- SANTOS, Lorenna Oliveira; SILVA, Jorge Augusto Alves; SOUSA, Valéria Viana. **Português popular da comunidade de Vitória da Conquista**, 2012. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – UESB, 2012.